

A IGREJA NA PÓS-MODERNIDADE

THE CHURCH IN POST-MODERNITY

LA IGLESIA EN LA POSTMODERNIDAD

Flávio Teixeira Menezes¹
Natasha Mendes Parlagreco²

Resumo

Este artigo se debruça sobre o tema “A influência negativa que a pós-modernidade tem exercido sobre a Igreja Evangélica”, mostrando que a filosofia que move a sociedade atual tem levado à Igreja a distanciar-se de sua identidade, o que a impede de cumprir sua missão. Será abordada a origem da pós-modernidade bem como o seu aspecto mais nocivo para as pessoas que compõem a Igreja: viver pelas preocupações naturais da vida comum. Tendo como objetivo compreender a cultura presente, será mostrado o tripé estruturador da pós-modernidade e como ela é hostil ao cristianismo de forma geral, no intuito de abrir um diálogo a respeito de possíveis posicionamentos bíblicos diante dos desafios deste tempo. A pesquisa mostrará como a pós-modernidade compromete vários aspectos do que significa ser, de fato, Igreja, bem como trará à tona a dificuldade de se propor formas de se mudar a presente realidade.

Palavras-chave: Pós-modernidade. Privatização. Secularização. Pluralidade. Cosmovisão.

Abstract

This article focuses on the theme "The negative influence that post-modernity has had on the Evangelical Church", showing that the philosophy that drives today's society has led the Church to distance itself from its identity, which prevents it from fulfilling your mission. The origin of post-modernity will be addressed and its most harmful aspect for the people who make up the Church: living by the natural concerns of ordinary life. To understand the present culture, the structuring tripod of post-modernity and how it is hostile to Christianity, in general, in order to open a dialogue about possible biblical positions in the face of the challenges of this time. The research will show how post-modernity compromises various aspects of what it means, in fact, to be Church, and bring up the difficulty of proposing ways to change the present reality.

Keywords: Post-modernity. Privatization. Secularization. Plurality. Cosmvision.

Resumen

Este artículo se dedica al tema “La influencia negativa que la postmodernidad ha ejercido sobre la Iglesia Evangélica”; muestra que la filosofía que mueve la sociedad actual ha llevado a la Iglesia a alejarse de su identidad, lo que le impide cumplir su misión. Se estudiará el origen de la postmodernidad, así como su aspecto más nocivo para las personas que integran la Iglesia: vivir en función de las preocupaciones naturales de la vida común. Con el objetivo de comprender la cultura presente, se estudiará la base estructural de la postmodernidad y cómo ella es hostil al cristianismo en general, con la intención de iniciar un diálogo acerca de posibles posturas bíblicas sobre los retos de estos tiempos. La investigación demostrará cómo la postmodernidad compromete varios aspectos de lo que, realmente, significa ser Iglesia y expondrá la dificultad que implica proponer formas de cambiar la presente realidad.

Palabras-clave: Postmodernidad. Privatización. Secularización. Pluralidad. Cosmovisión.

1 Introdução

¹ Graduando em Teologia pelo Centro Universitário Internacional Uninter. E-mail: pr.flaviomenezes@hotmail.com.

² Graduanda em Teologia pelo Centro Universitário Internacional Uninter. E-mail: natagreco@gmail.com.

Nesse artigo, será abordado o tema “A influência negativa que a pós-modernidade tem exercido sobre a Igreja Evangélica”, analisando o seguinte problema: quais são as dificuldades que a filosofia do nosso tempo traz para a igreja?

A mentalidade pós-moderna representa uma ameaça para a igreja evangélica, pois pode levá-la a perder sua identidade e impedi-la de cumprir sua missão na terra. É dever do teólogo ter uma visão crítica da filosofia que influencia a sociedade atual; dessa forma, é necessário compreender a pós-modernidade e seus desdobramentos, para podermos discutir posicionamentos que pastores, líderes e membros da igreja evangélica devem assumir diante deste momento histórico, tomando por base os fundamentos bíblicos.

Este trabalho tem como objetivo geral analisar a influência negativa que a pós-modernidade tem exercido sobre as pessoas que compõem a Igreja Evangélica, bem como apresentar o tripé estruturador da pós-modernidade e seus efeitos sobre a fé cristã e discutir possíveis posicionamentos frente aos desafios do nosso tempo.

Esta foi uma pesquisa bibliográfica analítico-descritiva, onde se fez um levantamento de dados através de livros, artigos e sites acerca do tema abordado. Utilizou-se o livro *Icabode*, de Rubem Amorese (1998), e o livro *Pós-Modernismo*, de Stanley J. Grenz (2008), como fontes principais.

2 A origem da pós-modernidade

O termo *pós-modernidade* é usado para descrever um fenômeno cultural que trouxe uma nova mentalidade que, geralmente, é oposta ao pensamento da época que lhe antecedeu, a modernidade.

Segundo muitos historiadores, a modernidade nasce no alvorecer do movimento filosófico chamado Iluminismo (GRENZ, 2008, p. 13), e este, através do método científico, pretendia estabelecer uma sociedade pautada na razão.

A modernidade concebia o ser humano como um sujeito racional e o universo como uma máquina regida por leis; desta forma, através unicamente da razão, era possível compreender o funcionamento do universo.

É interessante observar que a mentalidade moderna era bastante otimista, pois acreditava que o conhecimento é inerentemente bom e seu grande anseio era, através do método científico, colocar a natureza a serviço da humanidade. A ideia era que a ciência associada à educação faria com que o progresso fosse inevitável e conseqüentemente tornaria o mundo

melhor. Deste modo, não haveria mais necessidade de se recorrer a dogmas para se explicar o mundo, de maneira que a razão relegaria a religião ao ostracismo.

Entretanto, o século XX trouxe surpresas: guerras, fome, miséria, novos questionamentos, novas doenças, novas formas de luta social. Pesquisas trouxeram também novas dúvidas: o mundo e o universo são mais complexos do que pareciam. Configura-se um ser humano inserido em um contexto com características muito diferentes das premeditadas durante séculos (KRÜGER, 2015, p. 72)

Tudo isto abordado por Krüger gerou uma profunda desilusão e descrença nos ideais da modernidade, pois o mundo melhor que tanto era esperado não veio; muito pelo contrário, agora surge no horizonte uma perturbadora perspectiva de que a humanidade pode ser destruída pelo próprio homem através de uma guerra nuclear. Desta forma, uma vez que a modernidade não cumpriu suas promessas, surge uma nova mentalidade responsável por um grande deslocamento cultural, a substituição da modernidade pela pós-modernidade.

Assim, a pós-modernidade surge como ruptura dos ideais da modernidade e, em certo sentido, pode ser descrita como antimoderna pois, as pessoas deste tempo, como descreveu Grenz (2008), não estão mais convencidas de que o conhecimento é inerentemente bom; não se acredita mais no progresso inevitável, ou seja, que estamos melhorando cada vez mais; rejeita-se a ideia de que a verdade é exata e puramente racional; não se acredita que o conhecimento seja objetivo; descarta-se a suposição moderna do cientista desapaixonado e, por fim, nega-se a existência de uma verdade absoluta (RENZ, 2008), ou seja, abandonam-se os alicerces sobre os quais foi erguida toda a modernidade.

Entre as muitas coisas que caracterizam o espírito antimoderno da pós-modernidade, está o fato de que as pessoas desse tempo abandonaram a ideia de que a razão é a forma mais segura de se determinar o que é melhor para elas, dando, desta maneira, um lugar proeminente para as emoções, para os sentimentos.

A compreensão moderna associava a verdade à racionalidade e fazia da razão e da argumentação lógica os únicos árbitros da crença correta. Os pós-modernos questionam o conceito da verdade universal descoberta e provada graças aos esforços racionais. Eles não estão dispostos a conceder que o intelecto humano seja o único determinante daquilo em que devemos crer. Os pós-modernos olham para além da razão e dão guarida a meios não-rationais de conhecimento, dando às emoções e às intuições um *status* privilegiado (GRENZ, 2008, p. 28).

Assim sendo, a pós-modernidade configura-se como uma nova visão de mundo, novas lentes através das quais se enxerga a realidade que está ao redor e se interpreta a vida.

3 O tripé estruturador da pós-modernidade na sociedade

Segundo Amorese (1998), a pós-modernidade é formada por um tripé: a pluralização, a privatização e a secularização. Ao analisar cada um desses pontos poder-se-á ver claramente como, em muitos aspectos, o espírito pós-moderno é contra o cristianismo e conseqüentemente representa uma ameaça à igreja evangélica.

3.1 Pluralização

A pluralidade é construída em cima da ideia de “opções”; como na prateleira de um supermercado, encontra-se uma variedade de produtos para uma mesma necessidade.

Se a pessoa for comprar um sabonete, terá à sua disposição diversas marcas, o que fará com que ela faça sua escolha baseada unicamente no seu gosto pessoal e não necessariamente por uma mercadoria ser melhor do que outra.

Assim sendo, na pós-modernidade, desenvolve-se uma consciência de eleição; nas palavras de Amorese (1998, p. 48): “um processo inconsciente pelo qual entendemos que sempre podemos escolher, eleger, manifestar preferência, como se passássemos a viver numa *sociedade-supermercado*, repleta de variedades”.

O verdadeiro problema surge, a partir de uma perspectiva bíblica, quando a cultura pós-moderna transfere essa realidade para assuntos que não permitem uma variedade de opções, criando uma mentalidade onde temas como Deus, religião, certo e errado, também se tornam opcionais.

O desdobramento disto é que ninguém pode dizer que a sua forma de pensar se constitui em uma verdade absoluta, pois esta é apenas sua preferência diante de tantas outras “verdades” que estão por aí.

No passado, o Ocidente possuía uma moral moldada pelo cristianismo, e isto proporcionava um parâmetro pelo qual poderia se determinar o que era certo e errado. A pluralização desconstruiu esta ideia, afirmando que a moral é construída socialmente, ou seja, é relativa a um povo, a uma cultura e a uma época, fazendo desta forma com que tudo se torne relativo.

Assim, qual seria a necessidade real de “não se permitir” fazer o que se quer, apenas porque os outros consideram que algumas coisas são imorais ou erradas? A resposta é óbvia: nenhuma!

Portanto, para uma mente pós-moderna, qualquer ideia de valor absoluto é vista como algo negativo, fruto da hipocrisia e do moralismo, oriundo das convenções sociais.

Já no campo religioso, o pluralismo fez com que as pessoas de um modo geral não avaliassem mais a religião pela ótica da verdade. Assim, começa-se a analisar as expressões de fé pelo prisma da funcionalidade; se ela de alguma forma está fazendo bem para a pessoa que a escolheu, então esta religião é a certa para ela.

Como alguém se presta a recriminar as pessoas que dizem que o espiritismo com sua ênfase na caridade lhes tornou um ser humano melhor? Ou que afirmem que a Meditação Zen lhes trouxe tranquilidade? Ou que digam que graças à Yoga conseguiu deixar de sofrer com os malefícios do estresse? Ou testemunhem que através da medicina oriental alcançou a cura de uma doença? A legitimidade da religião na pós-modernidade está no benefício que ela traz para as pessoas e não mais nos alicerces inflexíveis que o Evangelho propõe.

Uma vez que se parte do princípio de que todas as confissões de fé estão certas, o critério para se escolher uma religião não é mais uma análise rigorosa dos seus pressupostos, ou uma verificação da lógica dos seus ensinamentos, mas sim, como a pessoa se sente nos lugares sagrados, nos cultos, nos mantras, pois o “sentir” a divindade é realmente o que importa.

Além do mais, existem aqueles que, mesmo sem fazer parte de nenhuma religião, são capazes de se identificar com várias delas, bebendo dos seus ensinamentos, sem levar em consideração que essas crenças sejam opostas entre si. A falta de coerência entre os ensinamentos em que se acredita não é uma dificuldade a ser superada pelo homem pós-moderno, pois o que realmente conta no universo religioso é sentir-se bem através da espiritualidade.

Dentro da igreja evangélica, já começam a aparecer pessoas que frequentam as reuniões no intuito de participar apenas da espiritualidade cristã, sem, contudo, ter compromisso com as doutrinas do cristianismo. Sim, a pluralidade também fez da religião evangélica mais um item a ser escolhido pelas pessoas na prateleira do supermercado religioso.

Apenas esse aspecto da pós-modernidade se constitui em um ataque frontal àquilo que se caracteriza como a espinha dorsal do cristianismo: a ideia do absoluto.

Quando Jesus orou pelos seus discípulos, ele disse: “Tua palavra é a verdade” (BÍBLIA, 2007). Jesus afirmou que a Bíblia era a verdade no sentido pleno da palavra! Ele não disse que ela era verdadeira como se fizesse parte de um conjunto de verdades construídas socialmente e por isto condicionadas a uma cultura específica.

Ser evangélico significa, em termos simples, acreditar na Bíblia e crer que o enredo da narrativa bíblica sobre a criação, queda e redenção se constitui em verdades absolutas.

Como disse James Orr, citado por Goheen e Bartholomew:

Aquele que crê de todo o coração em Jesus como o Filho de Deus está, desse modo, comprometido com muito mais do que isso. Ele se compromete com determinada ideia a respeito de Deus, determinada ideia a respeito do homem, determinada ideia a respeito do pecado, determinada ideia a respeito da redenção, determinada ideia a respeito do propósito de Deus na criação e na história, determinada ideia a respeito do destino humano encontrada somente no cristianismo (GOHEEN; BARTHOLOMEW, 2016, p. 39).

Abrir mão de qualquer um destes fundamentos como verdade significa se tornar qualquer coisa menos evangélico.

A sociedade pós-moderna é plural, relativa e defende a posição de que, como não existe uma verdade absoluta, toda expressão de fé é válida. Por esta razão, a pluralização coloca o cristianismo em uma “saia justa”. O dilema fica claro nas palavras de David K. Clark: “Se alguém afirma que a religião que professa é a suprema verdade, as demais pessoas dizem que ele é arrogante. Se ele afirmar que as outras religiões estão erradas, é tachado de intolerante” (apud BECKWITH; CRAIG, MORELAND, 2006, p. 354).

Partindo disto, percebe-se que na pós-modernidade surge uma cultura anticristã.

3.2 Privatização

A privatização é o elemento que torna possível a pluralização. Uma sociedade plural reconhece o direito que as pessoas têm de escolherem, e, com isso, reconhece-se que essas escolhas pertencem ao mundo privado de cada um, sem que ninguém tenha nada a ver com isto.

Faz-se uma separação entre a vida pública e a vida privada. “O mundo público desenvolve-se como espaço dos negócios, da economia, do mercado, do Estado e da ciência, enquanto o mundo privado permite que se desenvolva as aptidões, os *hobbies*, a religião e o lazer” (AMORESE, 1998, p. 62).

Na prática, as pessoas podem ser levadas a fazer algo que é contra a sua religião, por exemplo, na área profissional, mas não devem se sentir mal por isto, pois o “mercado” tem sua própria lógica, sua própria moral e a fé é uma questão pessoal. É necessário aprender a separar as coisas!

A consequência natural desse pensamento é que em uma cultura pós-moderna os valores do cristianismo podem e devem ser praticados no mundo privado, mas, em hipótese alguma devem exercer qualquer influência no mundo público e, de modo nenhum, devem ser impostos sobre os demais.

Inescapavelmente a privatização faz com que o evangélico se obrigue a ter uma vida e uma moral divididas, que o fazem deixar na gaveta do criado-mudo do seu quarto todo o arcabouço de valores que dão forma à sua consciência.

O grande problema nisto é que a Bíblia ensina que o cristão deve viver em sociedade movido pelos valores bíblicos.

Em um determinado momento, Jesus diz que seus discípulos deveriam ser sal da terra e luz do mundo (BÍBLIA, 2007). O que significam essas duas expressões? A resposta é simples: a influência que seus seguidores deveriam ter na vida daqueles que lhes rodeiam, através de atitudes e palavras. Jesus mesmo explica isto dizendo: “deixe que as pessoas vejam as suas boas obras” (BÍBLIA, 2007), ou seja, o próprio Cristo conclama seus discípulos a terem uma vida religiosa caracterizada por uma aparição pública. Em outras palavras, não é possível fazer essa separação das vidas!

“Assim, o evangelho é verdade pública, universalmente válida, verdadeira para todas as pessoas e para a totalidade da vida humana. Não é somente para a esfera pessoal da experiência “religiosa” (GOHEEN; BARTHOLOMEW, 2016, p. 26).

Mais uma vez a cultura pós-moderna mostra-se diametralmente oposta ao cristianismo.

3.3 Secularização

Segundo Paulo Barrera Rivera, a secularização pode ser entendida da seguinte forma:

Entendendo secularização como perda da capacidade de influência social e cultural da religião para impor e regular crenças e práticas e, também, o aumento da capacidade das sociedades para guiar seu próprio destino, sem participação das instituições religiosas, isto é, a esfera humana ganhando autonomia em relação aos desígnios divinos (RIVERA, 2010, p. 50).

Citada por Junior (2012) em sua tese de doutorado, Karel Dobbelaere diz que é possível fazer uma análise em três níveis da secularização.

No nível macro, percebe-se uma autonomia dos diferentes segmentos da sociedade com relação à religião. As variadas esferas sociais como educação, cultura, política, economia, arte, entre outras, passam a funcionar por uma lógica própria, independentemente do sagrado.

Em termos práticos, a secularização fez com que o mundo caminhasse para que a Igreja não desse a sua opinião em assuntos seculares, diante de temas como aborto, eutanásia, pesquisas com células-tronco, sexualidade, conceito de família etc. A igreja deve falar apenas dentro das suas comunidades e não fora delas, para evitar impor as suas crenças, pois se assim o fizer, estará excedendo a sua posição dentro da sociedade.

No nível médio, percebe-se o surgimento de uma pluralidade de religiões, expressões de fé que lutam para encontrar um lugar ao sol diante das pessoas e, com isto, fazem do cristianismo mais uma opção dentro da diversidade.

No nível micro, observa-se que a religião está sendo deixada cada vez mais de lado, relegada ao privado, o que vem provocando um declínio do envolvimento das pessoas com a própria igreja enquanto instituição.

Para entender melhor o tema e o seu desdobramento dentro do contexto religioso, é preciso recorrer ao significado das palavras.

Segundo o dicionário, século significa “o mundo, a vida no mundo considerado sob seus aspectos materiais, profanos, utilitários” (FERREIRA, 2010, p. 1903).

O comentário de John Murray sobre o assunto é muito elucidativo:

O termo usado para indicar este “mundo” é a palavra “século”. Seu conceito é determinado pelo contraste com a era vindoura. “Este século” é aquilo que se mantém deste lado do que comumente denominamos “eternidade”, ou seja, a era temporal e efêmera. A conformidade com este século equivale a ser envolvido nas coisas temporais; significa ter os pensamentos direcionados para aquilo que é visível e passageiro. É servir apenas ao tempo (MURRAY, 2003, p. 476).

A partir daí, surge o termo secularização, que tem por característica provocar uma ruptura entre a prática religiosa e todos os outros segmentos da vida, de forma que, apesar de as pessoas se professarem evangélicas, não se observa mais a influência da fé em suas decisões, ações, reações, família, negócios etc.

Em outras palavras, tornar-se secularizado significa acreditar que a vida que será vivida na sociedade é distinta, separada e ordenada por outros fatores que não pela Bíblia, igreja ou religião. Passa-se a fazer uma diferença entre a vida do dia a dia neste mundo e a vida religiosa, fazendo com que essas duas esferas sejam mantidas separadas, sem jamais se misturarem, tal qual água e óleo.

A proposta da Bíblia, que por natureza está em oposição à secularização, é o conceito de consciência missionária. Essa consciência diz respeito ao fato de entender que Deus enviou os seus filhos ao mundo (BÍBLIA, 2007, Jo 17.18, p. 1429-1430)

O que é o mundo? Por uma perspectiva bíblica é “a terra; o conjunto das nações conhecidas; a raça humana; o universo” (KASCHEL, 2005, p. 115). Quando se define o conceito de mundo como “nações” e “raça humana”, encontra-se a sociedade, com todos os setores que a caracterizam e a fazem funcionar.

Tendo isto em vista, é importante lembrar que, pela visão da Bíblia, o mundo está sob o poder do maligno; isto significa na prática que, em muitos casos, as ideologias e filosofias que

movem a cultura estarão em oposição ao Reino de Deus e, em virtude disto, as estruturas que compõem a sociedade podem funcionar de maneira a serem geradoras de injustiças e sofrimentos humanos. Levado a extremos, a história recente testemunha a veracidade desse fato em casos como o nazismo da Alemanha e o apartheid na África.

De acordo com Goheen e Bartholomew (2016, p. 202), “A rebelião humana contra os propósitos de Deus para a criação tem seguramente moldado a economia, a política e a educação da mesma forma como tem moldado os padrões éticos contemporâneos”.

Esta rebelião contra Deus que os autores citam, pode ser vista em vários aspectos da cultura; por exemplo, na economia, quando o marxismo diz que a religião é ilusória e por isso se constitui no “ópio do povo”; no feminismo, quando diz que não existe um gênero definido; na ciência, quando esta assume posição naturalista, racionalista e conseqüentemente ateuista; nos negócios, quando se valoriza demasiadamente o lucro em detrimento do ser humano; na política, quando esta é usada para institucionalizar a corrupção, etc.

Tendo isto em vista, Goheen e Bartholomew propõem o seguinte:

Para vivermos fielmente a narrativa bíblica, precisamos nos tornar participantes críticos das culturas que nos rodeiam. Como participantes, nossa relação com a cultura é positiva: fazemos parte dela e nos identificamos com ela, procurando (como membros, concidadãos, participantes) “amar e apreciar toda a sua virtude criada”. No entanto, como participantes críticos da cultura, estaremos com frequência nos opondo a ela, rejeitando e desafiando a idolatria que deforma e distorce seu desenvolvimento. Há, portanto, dois lados nesse envolvimento fiel: afirmação e rejeição, participação e oposição, solidariedade e separação. Frequentemente, isso tem sido expresso como estar “no mundo”, mas não ser “do mundo” (Jo 17.13-18) (GOHEEN; BARTHOLOMEW, 2016, p. 198).

O evangélico, percebendo essa dualidade e consciente da dimensão dos problemas e da cultura anticristã que permeiam todos os setores da sociedade, poderá estar apto a fazer com que o evangelho seja encarnado em todas as áreas da vida, alcançando respostas satisfatórias para os dilemas.

Este evangelho encarnado significa viver na prática a doutrina que os pais do movimento protestante evangélico, os reformadores, e em especial Martinho Lutero, designaram como “o sacerdócio de todos os crentes” (FERGUSON, 2009, p. 885). Deus chama pessoas leigas para desenvolver seu sacerdócio através de trabalhos que não estão necessariamente ligados à Igreja.

Não existe separação entre a vida secular e religiosa, pois uma vida que encarna o evangelho faz com que esses dois setores se unam em uma coisa só, todo o trabalho e participação cultural é feito para a glória de Deus e para expansão do seu Reino.

Por esta razão, as pessoas não devem enxergar suas profissões como algo separado da vida religiosa (secular); muito pelo contrário, antes deve se ver como um profissional que é um agente de transformação no lugar em que está inserido; ele é primeiro de tudo um cristão, um evangélico, que desenvolve o seu sacerdócio em uma profissão, na qual ele entende que é preciso atuar de uma forma que glorifique a Deus, dê testemunho do evangelho e confronte os enganos oriundos de uma cultura caída.

4 Contornos da pós-modernidade na igreja

Rubem Amorese (1998, p. 18), cita Francis Schaeffer, para falar da “escada de disseminação das ideias”; explica que uma mudança começa na filosofia, reflete-se nas artes e chega ao homem comum, na forma de cultura popular. Quando uma mudança na cultura acontece, gerando nova forma de enxergar o mundo, isso será disseminado na sociedade através dos filmes, novelas, teatros, programas de televisão, livros, escolas, etc. Desta forma, os novos conceitos, passarão a fazer parte das conversações das pessoas no dia a dia e, através desses diálogos, será consolidada a nova mentalidade na grande massa.

Ora, se considerarmos que a religião, como de resto o ser humano, é constituída a partir das interações sociais, precisamos considerar a hipótese de que tanto a religião quanto a religiosidade acabam adotando para si elementos característicos da pós-modernidade. O surto de religiosidade que verificamos na atualidade traz consigo uma nova roupagem, com características claramente individualistas. Ao mesmo tempo em que a emancipação radical do indivíduo pressupõe uma nova forma de organização da sociedade, ela também implica em uma nova articulação da religião. Ela torna-se cada vez mais pessoal e adaptada às circunstâncias imediatas da existência dos indivíduos (GREUEL, 2008, p. 35).

Alguém acertadamente disse: “somos filhos do nosso tempo”. A Igreja é formada por pessoas e existe no ser humano uma necessidade inerente de fazer parte do meio onde vive. Ninguém quer ser excluído, ninguém quer ser o “patinho feio”, todo o mundo quer ser normal.

E o que é ser normal? Segundo o dicionário, é ser conforme a norma, ou seja, adaptar-se, enquadrar-se, absorver as ideias, valores, linguagem e vocabulário do grupo em que se está inserido, com o objetivo de participar dele. Como disse Amorese (1998, p. 80), participar de uma sociedade significa ver o mundo com os olhos do grupo. “Pertencer inteiramente a um grupo, absorvendo sua história, seus valores e seus costumes, é ter uma identidade pessoal” (AMORESE, 1998, p. 112).

Por esta razão, seria ingenuidade acreditar que aqueles que compõem o cenário evangélico do Brasil estão imunes a todo esse processo de formação cultural e, conseqüentemente, da forma coletiva da sociedade de enxergar o mundo.

Para Goheen e Bartholomew (2016) é preciso entender que a pós-modernidade apresenta uma visão de mundo, uma narrativa que visa dar sentido para a vida, e as pessoas conscientes ou inconscientemente a adotam como padrão normativo.

Como foi visto, esta compreensão de mundo oriunda da pós-modernidade é diametralmente oposta ao cristianismo; então, o único caminho a ser tomado pelos evangélicos, segundo os autores, como resposta à cultura vigente, é se comprometer com uma cosmovisão cristã, isto é, uma compreensão de mundo moldada por uma perspectiva bíblica.

A Bíblia afirma ser o mundo real. Essa narrativa, entre todas as narrativas, afirma contar a verdade toda sobre como o nosso mundo realmente é. Nessa narrativa, pretende-se que descubramos o sentido de nossa vida. Nela precisamos encontrar um lugar em que nossa experiência precisa se encaixar. Nela nos é oferecida uma compreensão acerca do sentido derradeiro da vida humana em si (GOHEEN; BARTHOLOMEW, 2016, p. 26).

Uma cosmovisão cristã dá um novo sentido e significado a todos os aspectos que compõem a vida humana. O apóstolo Paulo há dois mil anos já enxergava o risco de que os cristãos fossem moldados por uma cultura que estaria em oposição ao evangelho, por isso disse: “Não vos amoldem ao padrão deste mundo” (BÍBLIA, 2007, Rm 12.2, p. 1501)

Este é o aspecto mais preocupante da pós-modernidade, o fato de que a filosofia deste tempo consegue fazer com que o evangélico viva sua vida nas mesmas bases em que a Bíblia define como a existência daqueles que não conhecem a Deus — ser absorvido única e exclusivamente pelas preocupações deste mundo.

John Murray, comentando esta passagem de Romanos, nos diz: “Se todos os nossos cálculos, planos e ambições são determinados pelo que acontece nesta vida terrena, então, somos filhos deste século” (MURRAY, 2003, p. 476). É preciso ter em mente que se esse não for o caminho seguido pelos evangélicos, inescapavelmente a pós-modernidade fará com que os cristãos vivam apenas pelo curso natural da vida.

Entenda-se bem a equação, todo o mundo quer ser feliz e na era pós-moderna a felicidade está vinculada aos sentimentos que, por sua vez, são alimentados pelo consumo. É natural que se fundamente a vida em torno do ter, no intuito de desfrutar de tudo aquilo que o mundo baseado no consumo produz: tecnologia, diversão, gastronomia, cultura, lazer, etc.

Dentro disto tudo, aprende-se rapidamente que não existe consumo sem dinheiro, portanto, é necessário organizar a vida em torno da conquista de uma boa vida financeira, porque só assim é possível possuir o que é valorizado pela sociedade na qual se quer estar inserido. Esse viver em função do “ter” não é uma atitude isolada, mas sim, inconscientemente, a base sobre a qual é construída toda a vida, a razão pela qual se existe.

Volta-se à questão do querer ser normal, enquadrar-se, participar do grupo em que se vive e, para isto, valoriza-se o que é tido em alta estima pelo grupo: a posse e as coisas materiais. Esses dois fatores são fundamentais para que alguém se torne parte da sociedade, além de serem os elementos que constroem a identidade, o estilo e a individualidade das pessoas. Enquanto cada evangélico está absorvido com as demandas das suas próprias vidas, se esquece do porquê se vive nesta terra. Jesus usa uma parábola com o objetivo de exemplificar esse problema (BÍBLIA, 2007, Lc 14.15-24, p. 1379 e 1380).

Nesta história é feito um convite para os homens para que viessem e participassem de um grande banquete, mas eles começaram a apresentar desculpas sobre por que não poderiam ir. Um disse que precisava ver uma propriedade que acabara de comprar, outro disse que precisava testar uma junta de bois que havia adquirido recentemente, o último disse que havia acabado de se casar.

Casa, trabalho e casamento, nenhum desses motivos se enquadram como “pecados”, como algo ruim em si mesmo; muito pelo contrário, a Bíblia orienta os cristãos a cuidarem da sua casa, da sua família e a valorizar o trabalho como um meio de se sustentar e praticar a caridade. Mas a parábola chama a atenção é para o fato de ser possível ficar tão absorvido pela vida do dia a dia, ao ponto de não dar a devida atenção para aquilo que realmente é a prioridade.

Qual é a razão que dá sentido e direção à vida daqueles que se comprometeram com Jesus nesta terra?

Para Goheen e Bartholomew (2016, p. 28), é fazer com que as boas novas do Reino de Deus se tornem conhecidas por todas as pessoas.

A mensagem do novo testamento é que o Reino de Deus invadiu esta era. O comentário de Ladd sobre este tema é muito esclarecedor.

O Reino de Deus manifesta-se em vários grandes atos. Na segunda vinda de Cristo, o Reino dele aparecerá em poder e glória. Mas esse glorioso Reino de Deus que se manifestará no retorno de Cristo já entrou na história, mas sem a glória exterior. O futuro invadiu o presente. O Reino de Deus, que ainda está por vir em poder e em glória, já chegou de forma secreta e oculta para operar entre os homens e neles. O poder do Reino de Deus, que na era por vir varrerá da face da terra o mal e toda a sua influência, já está entre os homens na presente era perversa para livrá-los do poder do pecado, da servidão a Satanás e da escravidão e medo da morte. A vida do Reino de Deus a ser realizada em sua plenitude quando Cristo vier, quando nosso corpo for redimido –, essa vida do Reino futuro alcançou o presente para que os homens possam nascer de novo agora e entrar no Reino de Deus, na esfera do domínio dele, na esfera das bênçãos dele (LADD, 2008, p.101).

Em muitos aspectos o Reino de Deus se faz presente hoje. E a missão da Igreja consiste em anunciar para o mundo esta realidade, através da vida, palavras e ações de seus membros.

No entanto, a pós-modernidade, no passo em que reprograma a mentalidade do cristão e o faz viver de acordo com o curso natural da vida, pode impedir ou, no mínimo, atrasar a Igreja no cumprimento de sua vocação.

Partindo do princípio de que a missão da Igreja é dar testemunho do Reino, de que forma a pós-modernidade compromete isto? Fazendo com que aqueles que se comprometeram com o Reino não pensem, não sintam, não se movam e não decidam a vida, de acordo com aquela realidade que querem tornar conhecida.

Quando o cristão-evangélico, na linguagem de John Murray, se torna filho deste século, como mostrará para o mundo uma nova proposta de vida baseada no Reino, se ele está totalmente comprometido com esta era?

A contribuição mais importante que a igreja pode dar para uma nova ordem social é ser ela própria uma nova ordem social. Posicionando-se contra a idolatria de nossa cultura, a igreja é chamada a encarnar uma forma diferente de vida, a ser uma comunidade alternativa, um corpo contracultural, “um sinal visível, convidativo, esperançoso, sinalizador do *shalom* do reino” (GOHEEN; BARTHOLOMEW, 2016, p. 208).

Assim, a identificação dos evangélicos com o mundo, acaba por frustrar aquilo que para Goheen e Bartholomew (2016) seria o papel da igreja na sociedade; em vez de promover uma contracultura, ela mesma se torna uma instituição pós-modernizada, passando a usar a própria religião para validar uma vida voltada para as coisas deste mundo. Como disse Greuel (2008, p. 35), a pessoa torna a religião “cada vez mais pessoal e adaptada às circunstâncias imediatas da existência dos indivíduos”. Diante disto, até se prega o evangelho, mas não se pode mais afirmar que seja de fato o “evangelho do Reino”.

Percebe? A igreja no cumprimento da sua missão foi comprometida!

Esse é o alerta que o livro *Icabode* (AMORESE, 1998) faz ainda no seu prefácio, chamando a atenção para o fato de que a pós-modernidade é o atual inimigo da igreja; sem que ela esteja percebendo, tem minado suas bases, comprometendo sua identidade, natureza e significado.

5 Considerações finais

A modernidade com sua crença otimista de que a razão e a ciência fariam do mundo um lugar melhor foi substituída pela pós-modernidade, com suas descrenças nos ideais pelos quais se ergueu a sociedade moderna.

A pós-modernidade trouxe uma nova forma de enxergar o mundo e a religião. O tripé estruturador da pós-modernidade, a pluralização, a privatização e a secularização, tornaram a sociedade, de um modo geral, hostil ao cristianismo e desenvolveram uma cultura anticristã.

Contudo, a filosofia pós-moderna não se ateve a influenciar apenas as pessoas que estão fora do alcance do evangelho, mas conseguiu estender o seu grau de influência negativa sobre as pessoas que compõem a própria igreja evangélica do Brasil.

O desafio do cristão-evangélico neste tempo é desenvolver uma cosmovisão bíblica do mundo, com o propósito de não ser moldado pela pós-modernidade e, conseqüentemente, cumprir com a sua missão enquanto igreja, de anunciar o Reino de Deus como esperança para o futuro e como um estilo de vida alternativo na era presente.

A pesquisa bibliográfica obteve êxito em expor o problema, explicando o que realmente é a pós-modernidade e os desafios que ela traz à Igreja do século XXI; todavia, percebe-se que os autores dos dois livros usados como fontes principais na elaboração deste trabalho, não apresentam um passo a passo de como mudar esta realidade, que como um câncer cresce no seio eclesiástico. Todas as propostas de solução são dadas a nível de sugestões oriundas dos estudos, palestras e conversas deles.

Diante de toda essa realidade, surgem sim novos questionamentos, como por exemplo: até que ponto um evangélico que foi moldado pela cultura vigente pode ser considerado de fato evangélico? Será que apenas uma cosmovisão cristã é o suficiente para não se moldar ao mundo? Ou uma nova configuração de Igreja se fará necessária para criar um ambiente onde a cultura pós-moderna não encontre um ambiente propício para se desenvolver?

Referências

AMORESE, Rubem Martins. **Icabode**: da mente de Cristo à consciência moderna. Viçosa: Ultimato, 1998.

BECKWITH, Francis J.; CRAIG, William Lane; MORELAND, J. P. **Ensaio Apologético**: um estudo para uma cosmovisão cristã. São Paulo: Hagnos, 2006.

BÍBLIA, Novo Testamento. **Bíblia Sagrada, NVI**: Letra gigante. Tradução Comissão de Tradução da Sociedade Bíblica Internacional. São Paulo: Editora Vida, 2007.

FERGUSON, Sinclair B. **Novo dicionário de teologia**. São Paulo: Hagnos, 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

GOHEEN, Michael W.; BARTHOLOMEW, Craig G. **Introdução à cosmovisão cristã: vivendo na intersecção entre a visão bíblica e a contemporânea.** São Paulo: Vida Nova, 2016.

GRENZ, Stanley J. **Pós-modernismo: um guia para entender a filosofia do nosso tempo.** São Paulo: Vida Nova, 2008.

GREUEL, Sigolf. **Religião e religiosidade na pós-modernidade.** 2008. 65 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Escola Superior de Teologia, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação Religião e Educação, São Leopoldo, 2008. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/29/1/greuel_s_tmp52.pdf. Acessado em 07 set. 2020.

JUNIOR, Cesar Alverto Ranquetat. **Laicidade à brasileira: um estudo sobre a controvérsia em torno da presença de símbolos religiosos em espaços públicos.** 2012. 321 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/54437/000850912.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acessado em 03 jan. 2021.

KASCHEL, Werner. **Dicionário da Bíblia de Almeida.** 2. ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005.

KRÜGER, Hariet Wondracek. Marcas da pós-modernidade na espiritualidade atual segundo o referencial cristão. **Revista Ensaios Teológicos**, Ijuí – RS, v. 1, n. 2, 2015. Disponível em: <http://revista.batistapioneira.edu.br/index.php/ensaios/article/view/104/143>. Acesso em 07 set. 2020.

LADD, George Eldon. **O Evangelho do Reino.** São Paulo: Shedd Publicações, 2008.

MURRAY, John. **Comentário bíblico fiel: Romanos.** São José dos Campos – SP: Fiel, 2003.

RIVERA, Paulo Barrera. Pluralismo religioso e secularização: pentecostais na periferia da cidade de São Bernardo do Campo no Brasil. **Rever. Revista Estudos da Religião**, São Paulo, p.50-76, mar. 2010. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv1_2010/t_rivera.pdf. Acessado em 07 set. 2020.